

**MEDIUM,  
MAS POUCO**

# MEDIUM, MAS POUCO

Tradução: Salomé Castro

**SARAH ADLER**





Uma chancela da Zero a Oito – Edição e Conteúdos, Lda.

Morada: Rua Castilho, 57 – R/C direito, 1250-068 Lisboa  
Telefone: 213 713 130  
Fax: 213 713 139  
E-mail: publicacoes@zeroaoito.pt

#### **Edição original**

Título: *Happy Medium*

Texto: Sarah Adler

Design e ilustração de capa: Vikki Chu

Fotografia da autora: H. D. Kimrey

© 2024, Sarah Adler

Publicado por acordo com o autor, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

Publicado originalmente por Berkley, uma chancela da Penguin Random House LLC

Todos os direitos reservados.

#### **Edição em português**

Título: *Medium*, mas pouco

Tradução: Salomé Castro

Revisão: Rita Fernandes

Paginação: dprojetos.pt

1.ª edição: outubro 2024

ISBN: 978-989-574-206-6

Depósito legal: 536658/24

Impressão e acabamento: CAFILESA

© 2024, Zero a Oito. Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por processo eletrónico ou mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem prévia autorização por escrito da Zero a Oito.

Esta obra é de ficção. Nomes, personagens, lugares e ocorrências decorrem da imaginação da autora ou são utilizadas ficcionalmente e não construídas como reais. Qualquer semelhança com acontecimentos, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, são mera coincidência.

*Para os meus pais  
Obrigada por me prepararem para o sucesso,  
deixando sempre que eu o definisse.*

## **Nota da autora**

Este livro tem cenas que envolvem um familiar que vive com demência. Se este é um tema potencialmente sensível para si, leia com cuidado.



Gretchen Acorn é uma vigarista.

É uma tradição familiar — o pai dela é um vigarista, tal como o pai dele antes dele, e o pai dele antes dele. E assim por diante, até Fritz Eichorn, que se fez passar por um conde austríaco, vítima de recente desgosto, e conseguiu entrar na primeira classe do navio que o levou para os Estados Unidos. Mas enquanto o tetravô Fritz e a maior parte dos seus descendentes masculinos gravitavam em torno dos movimentos apressados dos jogos de fachada e da venda de relíquias a turistas, Gretchen encontrou a sua própria visão, uma mais *sofisticada*.

— Ah. — Gretchen pressiona dois dedos em cada uma das têmporas. Ela estremece, como se o seu apelo mental ao reino dos espíritos não tivesse provocado nada a não ser uma dor de cabeça. — Sinto Ronald a tentar estar aqui connosco, mas a ligação é frágil. Demasiado frágil para se perceber alguma coisa, receio.

— É a minha aura, não é? — A mulher idosa do outro lado da mesa abre as mãos e coloca-as em cima da toalha de mesa de brocado cor de ameixa. Ela ainda usa o seu conjunto de casamento de platina e diamante, sendo que o inchaço da sua articulação artrítica é a única coisa que mantém os anéis demasiado grandes no lugar. — Já me disseram antes que é um problema, mas por mais especialistas em Reiki que eu consulte...

— Não, não — interrompe Gretchen. — Tem uma aura *linda*, Sra. Easterly. Do mais lindo tom — *escolhe uma cor, qualquer cor* — escarlate que eu já vi. Não deixe que ninguém lhe faça nada.

A ideia de um cretino oportunista a enganar uma velhota simpática como Janice Easterly deixa o maxilar de Gretchen tenso.

Talvez isso pareça hipócrita, uma vez que ela própria depende da desonestidade para ganhar a vida (ou que nem sequer se consegue lembrar se escarlate é um tom de verde ou de vermelho). Mas a diferença é que Gretchen só aceita o dinheiro das pessoas se tiver a certeza de que pode deixá-las melhor do que as encontrou. Essa é a única Regra que rege tudo o que faz. O seu único princípio orientador. Transforma o trabalho de uma burla numa transação comercial, os seus impulsos moralmente duvidosos em algo mutuamente benéfico. É por isso que recusa potenciais clientes se sabe que não será capaz de fornecer o que eles precisam, e é por isso que está a preparar-se para dizer à Sra. Easterly que a sua linha telefónica para o mundo espiritual não está a gerar mais do que um sinal de ocupado.

O seu código de ética pode não lhe valer um Prémio Nobel da Paz, mas tem sido uma espécie de bússola desde que Gretchen se lançou por conta própria há quase sete anos. Ela tem em si as competências dos seus antepassados — o pai certificou-se de que ela sabia mentir, enganar e roubar como os melhores antes mesmo de saber escrever o seu nome — e seria bastante fácil preencher o resto da sessão de meia hora da Sra. Easterly com os truques baratos que constituem o pão de cada dia da maioria dos supostos médiuns e videntes. Sem dúvida que a Sra. Easterly confirmaria, com as lágrimas a atravessar a camada de pó de arroz na sua cara como um quebra-gelo a navegar no Báltico, que a casa de dois andares com uma chaminé que Gretchen descreve (não muito especificamente, claro) deve ser a casa de infância do seu marido. Uma mulher com um nome começado por «H»? Bem, o nome da irmã dela era Harriett, será que é isso? E, oh minha nossa, ela possui de facto uma peça de joalharia em forma de coração! Aliás, um presente antigo do seu falecido marido, antes de ele fazer uma fortuna a comprar e vender leis ou o que quer que seja que torna as pessoas nesta cidade tão ricas.

Mas Gretchen Acorn não se tornou a médium espírita mais procurada pela alta sociedade do Noroeste de Washington DC por atirar suposições genéricas à parede, partindo do princípio de que alguma coisa iria colar. É preciso um esforço extra — um *talento* extra — para conquistar as velhotas ricas que residem nesta zona da cidade. Os clientes de Gretchen sabem que, quando a procuram,

não vão ter um desenho a lápis de cera estilo infantário como sessão espírita, em que é preciso semicerrar os olhos e inclinar a cabeça para perceber o que o médium está a dizer que vê. Não, podem contar com ela para lhes pintar um quadro vívido, cheio de pormenores e simbolismo que lhes dá permissão para acreditarem plenamente de que não estão tão sozinhos como pensavam. Ela é a equivalente vigarista a um mestre da Renascença e, desde que o que produz seja bonito e reconfortante, os seus clientes nunca pensam demasiado no processo que levou à sua criação.

Infelizmente, a Sra. Easterly entrou sem marcação; o que Gretchen só permitiu porque a mulher se apresentou usando as palavras mágicas: «Sou uma grande amiga da Deborah Van Alst.» Por isso, ela entrou nesta sessão sem o habitual dossier mental de informação que lhe serve de tela.

Ela baixa o queixo como se o peso de invocar o marido morto da Sra. Easterly se tivesse tornado demasiado pesado para a sua mente suportar. A cabeça inclina-se para o efeito, o que também tem o bónus adicional de lhe esticar um pequeno nó no pescoço.

— Tenho quase a certeza de que o problema sou eu — diz ela, cansada. — Estou a sentir-me... enfraquecida esta tarde. — E também com fome, de acordo com o ronco do seu estômago. A presença imprevista da Sra. Easterly na sua pequena loja ao nível de uma cave, na MacArthur Boulevard, interrompeu os planos de almoço de Gretchen. Ela anseia pelos *noodles* que ainda estão no micro-ondas da sala das traseiras.

— Espero que não esteja doente? — O tom da Sra. Easterly parece receoso, como se estivesse agora preocupada com o facto de Gretchen poder ser, secretamente, várias doenças infecciosas disfarçadas de médium.

— Não, nada tão mundano. Parece haver uma perturbação no véu. — Gretchen levanta o olhar enquanto fala, mas não encontra os olhos remelosos da Sra. Easterly. Em vez disso, olha ligeiramente para a distância, encontrando uma teia de aranha no canto que é um excelente ponto focal para momentos como este (a razão, diz a si própria, para não a ter limpo, apesar de a ter visto pela primeira vez há semanas).